



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

Entrevista ao Jornalista Werner Thomas, do Jornal *Die Welt*, no dia 4 de Setembro de 1990

Jornalista: Gostaria de saber se o senhor tem prazer no seu trabalho. O senhor está no cargo há cinco meses. Nesse período o que o senhor considera que já alcançou, como avalia a situação, qual é o balanço que tiraria desses cinco meses. Há alguma diferença entre o Brasil de agora e o de antes?

Presidente: Inicialmente, gostaria de dizer que me sinto muito bem e muito à vontade no exercício dessa função tão honrosa de presidir um país como o Brasil. Nesses primeiros cinco meses de governo, nós promovemos mudanças profundas, abrangentes, em todos os setores da vida nacional. Recebemos o País com uma inflação de quase 90% ao mês, com a previsão de um déficit orçamentário de 9% do PIB para este ano, com uma economia totalmente desorganizada e um excesso de regulamentação da economia, de um excesso de interferência do Estado na atividade econômica, enfim, de uma estrutura administrativa inteiramente corrompida, gigantesca e ineficiente. Hoje, cinco meses depois, vivemos, sem dúvida alguma, um novo instante da vida nacional.

A inflação cai consistentemente, porque nosso programa de ajuste econômico, o mais rigoroso já aplicado, em qualquer

economia ocidental — e diferentemente de outros programas executados no Brasil, que congelavam os preços — combate a inflação mantendo uma política de liberalização de preços inédita no País. Ao mesmo tempo em que estabelecemos uma nova política industrial, uma nova política de comércio exterior e uma nova política para o setor agrícola, conseguimos que a inflação caísse de cerca de 90% ao mês para pouco mais de 9% e que o déficit orçamentário, estimado de 9% do PIB, passasse para um superávit de 1,22%. A política monetária tem sido extremamente rígida, a política fiscal vem sendo exemplarmente aplicada, a reforma administrativa, a reforma patrimonial, a privatização, tudo isso significa uma avalanche de medidas e de sucessos que estamos alcançando. Mas, sem dúvida, ainda é muito pouco diante do que desejamos.

Os nossos objetivos, no final desse período de cinco anos de governo, são os de recuperar a confiança do brasileiro no futuro do País e restaurar a credibilidade do Brasil no exterior, demonstrando aos países amigos que o Brasil marcha decisivamente para o ingresso na era moderna, para se fazer presente nesse novo mundo que está sendo criado pela força da democracia. Queremos dizer ao mundo que somos bons parceiros, e que nós saberemos, daqui para frente, honrar todos os nossos compromissos internacionais.

«Luto por um ideal.»

Jornalista: O senhor tinha imaginado que o exercício dessa função seria tão difícil?

Presidente: Quando éramos pequenos, meu pai nos dizia: «Olhem, eu tenho pena de vocês». E perguntávamos: «Por que papai?» E ele respondia: «Porque eu lutei com dificuldades, e vocês estão lutando com facilidades». E complementava: «As dificuldades ensinam e fortalecem, as facilidades enfraquecem e de-

sestimulam». E quanto mais ele dizia isso, mais endurecia na nossa educação e mais exigia de cada um de nós. De modo que, desde cedo, aprendi a conviver com desafios. Não propriamente com dificuldades, no termo estrito da palavra, mas no sentido lato, com desafios. De modo que eu tinha a noção do enorme desafio que era governar um país, nas circunstâncias em que estou governando. Mas esse desafio em nenhum instante me intimida. A cada novo desafio ganho mais forças e mais gana para superá-lo e vencê-lo, porque tenho do meu lado um ideal. Luto por um ideal, diferentemente de outros que têm essa sua luta enfraquecida porque estão lutando por interesses pessoais ou localizados. Em nome desse ideal, da construção desse novo Brasil é que estamos lutando e superando os desafios.

O Novo Brasil

Jornalista: Como o senhor vê o Brasil novo, o que significa?

Presidente: O Brasil novo significa, em primeiro lugar, um país que saberá recuperar a confiança de sua sociedade em seu futuro. Era fundamental elevar o moral da Pátria, da Nação brasileira. Éramos uma nação sem moeda — porque com a inflação a 90% ao mês a moeda não existe —, um país sem um governo respeitado, sem instituições respeitadas, enfim, não poderia ser considerado o país dos nossos sonhos. Então, fundamentalmente o que tínhamos que fazer era isso. E é esse o Brasil novo, um Brasil que vê restaurada a autoridade, que recupera a sua confiança e percebe que se reorganiza a economia. Um povo, enfim, que começa a perceber com clareza que o caminho que escolheu é o caminho mais acertado. Este caminho não foi escolhido por mim, solitariamente, mas foi escolhido em duas oportunidades, nas duas eleições do ano passado, pela população brasileira, que optou, referendou e ratificou esse programa de governo. Cabe a nós agora, como delegados do povo, implementar esse Plano de governo.

Desafios

Jornalista: Quais são os outros grandes problemas que ainda estão pela frente?

Presidente: Fundamentalmente, a questão social, que precisa ser atacada. Nós não poderíamos ter uma política social se não providenciássemos os recursos necessários para fazer face às demandas sociais da população brasileira. Os indicadores sociais do Brasil são extremamente inquietantes: analfabetismo, mortalidade infantil, endemias rurais, falta de habitação, ausência de saneamento básico, de transporte urbano, de segurança pública. São problemas que nos deixam extremamente preocupados. Mas, dentro da reformulação do papel do Estado, dentro desse redimensionamento do Estado brasileiro, já estamos conseguindo alguns recursos para atender, pelo menos numa fase emergencial, a essas demandas. Muito mais recursos, contudo, serão necessários.

Há poucas semanas lançamos um projeto chamado «Ministério da Criança», extremamente interessante. Não há um ministério propriamente dito, mas simboliza a necessidade de que todos os ministérios trabalhem em função da criança e do adolescente. Todos têm que ter a sua atenção voltada prioritariamente para a criança e o adolescente. Prevemos, a partir de 1991, investimentos maciços na área social, capitaneados por esse projeto «Ministério da Criança», de modo que se possa ter como resultado palpável, visível, desta grande reforma econômica, um grande volume de recursos a ser canalizado para o atendimento das questões sociais.

Basicamente é isso o que nos falta, ao lado da consolidação das medidas já adotadas nesses primeiros cinco meses.

Jornalista: O senhor acredita que os problemas econômicos sejam de mais fácil solução do que os problemas sociais?

Presidente: Se eu pudesse resolver os problemas sociais com fórmulas ou teorias econômicas, acho que tanto um quanto outro seriam solucionados rapidamente.

Economia

Jornalista: O senhor acredita que possa resolver os problemas sociais através do modelo da economia de mercado?

Presidente: Sem dúvida. Somente com o modelo da economia de mercado é que poderemos resolver os problemas sociais. Temos um governo que obedece à tônica liberal no que diz respeito à questão econômica, mas é também um governo que tem forte conotação social, que tem mais do que uma preocupação, tem um compromisso social. A resultante de todas essas reformas que estamos promovendo é exatamente fazer com que o direito do cidadão seja respeitado, que o seu direito à vida seja respeitado, que a infância e a adolescência possam ser protegidas pelas mãos do Estado até o momento em que o adolescente ganhe a idade para se desenvolver sozinho e ingressar no mercado de trabalho, e assim por diante. Essa é nossa preocupação maior, e é nesse campo que irão desaguar todos os resultados positivos do programa de ajuste econômico no Brasil.

A Questão Social

Jornalista: O senhor acredita que o problema dos dois brasis, a divisão entre o Nordeste pobre e o Sul rico possa ser solucionado nesses cinco anos? Ou seja, é uma meta do seu tempo de Presidência fazer uma ponte e conseguir vencer essa diferença?

Presidente: Estamos implementando agora um programa de desenvolvimento para o Nordeste, que vai até o ano 2000. Daí,

de início, achar que, pelo menos 10 anos, serão necessários para que possamos incluir o Nordeste no contexto nacional. É um problema que vem perdurando por anos e anos, com erros e mais erros acumulados. Sinceramente, não será num período de cinco anos que nós iremos equacioná-lo, mas sem dúvida nenhuma será um período em que poderemos fincar as estacas que irão condicionar o comportamento de futuros governos em relação ao Nordeste.

Hoje não podemos separar o Brasil apenas em Nordeste pobre e Sul rico. Mesmo no Sul existem dois brasis. Em São Paulo, por exemplo, existem dois brasis. No Rio também. O lado miserável de São Paulo reflete os equívocos dos modelos econômicos anteriores, que concentraram demasiadamente a renda, que estimularam demasiadamente a especulação financeira, em detrimento da produção, e que nos legaram uma multidão de brasileiros marginalizados. A questão social no Brasil é muito mais séria do que as aparências indicam, e temos que fazer um esforço sobre-humano para conseguir, quando muito, reduzir a níveis aceitáveis esses indicadores sociais profundamente inquietantes.

Jornalista: O senhor acredita que os problemas sociais do Brasil sejam passíveis de uma solução sem que se faça um controle familiar? Sei que esse assunto é extremamente controverso não só no Brasil como em todos os países da América do Sul.

Presidente: Não sei se a pobreza que hoje atinge grande parte da população é causada pela questão da natalidade. Acho que não; acho que hoje no Brasil existe miséria não porque existe muita gente, mas pelos equívocos de governos passados, que nas suas diretrizes não deram a devida atenção ao homem.

No Brasil o poder sempre foi exercido como uma forma de fortalecimento do Estado. E cada vez que se pensava em fortalecer o Estado, enfraquecia-se a sociedade, enfraquecia-se o cidadão. Nosso governo muda esse enfoque e exerce o poder para fortalecer a cidadania e a sociedade, não o Estado. A partir dessa concepção é que estamos tomando essas atitudes no campo econômico, que vão se refletir em melhores condições sociais em função dos recursos de que dispusermos para isso.

Meio Ambiente

Jornalista: Vejamos agora o problema do meio ambiente, o problema da Amazônia. O seu antecessor disse que não era um problema para os estrangeiros, que era apenas dos brasileiros. O senhor acha que há uma espécie de intrometimento quando os estrangeiros falam e se preocupam com a Amazônia?

Presidente: Acho que a questão ecológica não deve ser somente dos brasileiros nem dos alemães. A questão ecológica é uma preocupação planetária, mundial. Supor que uma opinião estrangeira sobre a questão do meio ambiente representa uma interferência na soberania, é, a meu ver, uma síndrome colonialista, a de considerar que a presença do estrangeiro se dá sempre no sentido de invadir, de se intrometer, de retirar as nossas riquezas, de ferir a nossa soberania. Essa fase nós já passamos, já deixamos atrás há cerca de 200 anos. Nosso governo não entende isso como uma interferência indevida, desde que naturalmente feita como determinam as regras da civilidade, da mesma forma que, eventualmente, podemos falar sobre desastres ecológicos que ocorram na Europa ou nos Estados Unidos. Agora mesmo o Secretário do Meio Ambiente do meu Governo, o Prof. Lutzenberger, encaminhou um ofício ao Secretário de Meio Ambiente do Canadá, reclamando do fato de se ter permitido a poluição numa baía canadense, mas sempre numa linguagem respeitosa, no sentido de colaborar, de cooperar.

Temos que retirar da discussão ecológica esse maniqueísmo de posições acusatórias. «O país tal é culpado!» Aí o país acusado diz que o outro é que é o culpado. Essas discussões são absolutamente estéreis. Temos que deixar de lado os discursos e essa retórica excludente, e partir para o entendimento. Vamos nos sentar todos a uma mesa e discutir de que maneira cada um pode ajudar o outro na solução das questões ambientais. Essa é que é a visão do meu governo.

Em 1992, por exemplo, o Brasil vai sediar a Conferência de Desenvolvimento e Meio Ambiente. É uma conferência promo-

vida pela ONU, e o Brasil foi escolhido para sediá-la. Nessa minha recente viagem ao exterior já tive a oportunidade de formular convites aos Chefes de Estado e de Governo com os quais me avistei para que viessem ao Brasil em 1992, para que pudéssemos discutir, em nível elevado, essa questão. Muitos deles aceitaram e essa, quem sabe, será uma boa oportunidade para nos aprofundarmos um pouco mais na discussão desses temas.

Meu compromisso com esse mundo não é o compromisso de um governo, é o compromisso da minha geração. Nossa geração recebeu um mundo em vias de destruição.

Tenho o compromisso, portanto, de, no fim desse meu período de governo, fazer com que o Brasil dê um exemplo no que diz respeito à defesa dos seus ecossistemas.

A Amazônia, por exemplo, tem 400 milhões de hectares de florestas, dos quais 40 milhões já foram destruídos. A cada ano estavam sendo devastados 4 milhões de hectares. Tínhamos que impedir isso e estamos impedindo. Nós não podíamos absolutamente permitir que a situação continuasse como se encontrava.

Temos procurado agir de uma maneira muito rigorosa e já chegamos a alguns resultados. Há duas ou três semanas, quando estive no sul do Pará, decidimos pela aprovação de um projeto da Companhia Vale do Rio Doce, envolvendo capitais privados e capitais do Estado, para reflorestar 250 quilômetros de florestas que foram colocadas abaixo. Nós estamos agora reflorestando essa região.

Há um equívoco, quando dizem que a Amazônia é o pulmão do mundo ou um dos pulmões do mundo, juntamente com a floresta soviética. Não é o pulmão. A importância da Amazônia não vem do oxigênio que ela fornece para o restante do mundo, mas se dá em função do clima que ela regula. Se não fosse a Amazônia, por exemplo, a Alemanha e o Norte da Europa teriam um clima como o do outro lado do globo, que no mesmo meridiano é a Groenlândia. Então, o que faz com que o clima no Norte da Europa se mantenha como está são as correntes de calor emanadas da Floresta Amazônica. É por isso que verificamos que no Norte da Europa a preocupação com a Floresta Amazônica é maior do que em outros países.

Jornalista: O senhor conhece a Alemanha?

Presidente: Conheço, além de ser descendente de alemães. O meu bisavô era 100% alemão, ele não falava português.

Jornalista: De onde ele era?

Presidente: da Alsácia, família Bekel.

Jornalista: O senhor fala alemão?

Presidente: Não, mas meus filhos falam. Eu entendo alguma coisa, mas os meus dois filhos falam alemão. Dentro do tema que conversávamos, a Alemanha é interessante porque, dos países europeus, é o que tem maior número de florestas, devido ao fato de ter sido lá onde a aristocracia mais demorou a cair, a ser apeada do poder. Então, os nobres alemães evitavam que os lenhadores cortassem florestas não pela preocupação ecológica, mas para manter o *hobby* de caçadas nos finais de semana. Isso é muito interessante. Graças a um *hobby*, hoje a Alemanha detém uma extensão de florestas maior do que qualquer outro país da Europa.

Relações com a Alemanha

Jornalista: O senhor está satisfeito com o apoio, com a ajuda alemã? O senhor está satisfeito com o Ministro do Meio Ambiente alemão?

Presidente: Muito, muito. Particularmente, tenho um apreço muito grande pelo Chanceler Helmut Kohl. Acho que ele vem cumprindo um papel histórico, não somente para a Alemanha, na busca de sua unidade, mas também para o restante do mundo. Tenho por ele uma grande admiração e sei que ele tem pelo Brasil, também, uma consideração muito especial. As relações Brasil-Alemanha sempre foram muito boas. Afinal de contas, o

segundo parque industrial alemão depois da Alemanha está instalado aqui no Brasil. Isso dá a dimensão do que seja o nosso relacionamento. Quando pessoas manifestam-me que com os eventos da Europa do Leste, a Alemanha buscando a sua unidade, não haveria mais investimentos no Brasil, sempre procuro tranquilizá-las dizendo que os compromissos e os interesses que ligam Brasil e Alemanha são muito maiores do que qualquer evento que venha a ocorrer, como esse da Europa do Leste. Não se pode desconhecer que esses investimentos alemães feitos no Brasil nos ajudaram muito a promover o nosso desenvolvimento. E nós queremos ampliar esses investimentos, criar melhores condições para que continuem a ocorrer em volumes crescentes de modo a que possamos ter as vantagens recíprocas desse intercâmbio comercial.

Programa Nuclear

Jornalista: O acordo sobre geração de energia nuclear entre Brasil e Alemanha terá uma continuidade? De modo geral, o senhor acha que a energia nuclear seria importante para o Brasil?

Presidente: Na minha cabeça essa questão da energia nuclear não funciona muito bem. Dizem: «O Brasil precisa de energia nuclear porque no ano 2050 ou 2100 vai precisar de energia». Mas no ano 2050 a gente vai estar comprando disquete de energia na papelaria. Tenho muita confiança de que o governo alemão, em função do que ocorre hoje no Golfo, venha também a repensar essa questão da colaboração com outros países no campo da energia nuclear. Isso tudo tem que ser repensado. A modernidade que nós estamos pregando não se coaduna com essa preocupação armamentista, preocupação de jogar bilhões de dólares num projeto. O Brasil, com tantos recursos naturais, podendo conciliar a busca da energia com a questão ecológica com o sol que ele tem o ano inteiro...

Jornalista: O senhor acredita que o Brasil possa continuar avançando sem usar a energia atômica?

Presidente: Claro que sim, e sem dificuldades. Acho que temos que buscar outras formas de energia menos predatórias. Quando a gente vê aquelas usinas atômicas, o episódio de Chernobyl... Meu Deus do céu, que coisa mais absurda! Para mim como pessoa, como cidadão, isso é algo que questiono. Acho que é possível, com os avanços tecnológicos que estamos alcançando, descobrir novas fontes energéticas que não sejam atômicas. Deve haver alguma coisa mais inteligente, alguma coisa que se coadune mais com a vida do que um arsenal atômico para fornecimento de energia, que significa uma ameaça permanente ao cidadão, ao ser humano, à nossa fauna, à nossa flora, ao planeta.

América Latina

Jornalista: O senhor está fazendo um governo extremamente dinâmico. O senhor acredita que o Brasil, no futuro, vá assumir um papel na América Latina que corresponda ao seu tamanho e à sua importância?

Presidente: O Brasil não tem nenhuma pretensão, absolutamente, de desempenhar papel hegemônico em suas relações com a América Latina, ou com qualquer parte do mundo. O desejo do Governo brasileiro, e o papel histórico que o País tem a cumprir, é o de seguir a sua trajetória de um país pacífico, de um país que quer a paz, de um país que quer a solidariedade entre os homens, de um país que deseja, sempre quando chamado a intermediar conflitos existentes entre nações, fazê-lo no sentido positivo, no de buscar uma solução pacífica para questões belicosas. Enfim, é esse o desejo do Brasil, o de viver num mundo de paz, de viver num mundo não conflagrado, num mundo em que a soberania dos Estados seja respeitada, onde o Conselho de Segurança da ONU não precise se reunir a cada semana para

tomar alguma decisão contra algum país que tenha assinado a carta de constituição da Organização. Fundamentalmente um país de paz, de prosperidade, de solidariedade. É isso que o Brasil deseja.

*Entrevista concedida ao jornalista
Werner Thomas, do jornal alemão Die Welt, por
Sua Excelência o Senhor Fernando Collor,
Presidente da República Federativa do Brasil,
em Brasília, DF, no dia 4 de setembro de 1990.*